

Análise do ensaio “da crueldade”, de Michel de Montaigne, a partir dos estudos em língua falada e interação verbal

Analysis of the essay "From cruelty" by Michel de Montaigne, starting from the studies on spoken language and verbal interaction

Dante Henrique Mantovani *

Resumo: Objetiva-se neste artigo circunscrever influências formais do gênero *ensaio*, investigando as “cordas que se entrelaçam” em sua constituição – em princípio, na obra de Michel de Montaigne (1533-1592), por meio de uma discussão a respeito de procedimentos de estruturação tópico-discursivos característicos da Língua Falada. Preliminarmente, é necessário refletir acerca da disposição formal dos elementos textuais no gênero ensaístico, no qual não se percebe a *priori* uma estrutura pré-estabelecida: ocorre sobreposição alinear de temas, argumentos, raciocínios, ironia, reflexões filosóficas, confidências, comparações e sinuosidades quase indetectáveis, pré-barrocas. Isso confere uma estrutura não dogmática ao gênero ensaio, e um caráter mais flexível - no que tange à disposição textual dos pensamentos de determinado autor. A hipótese a ser discutida aqui, acerca da influência da oralidade nos ensaios, é a seguinte: de que forma os procedimentos de estruturação da Língua Falada contribuem para o entendimento da singularidade do gênero ensaístico? Ora, se considerarmos que a abertura seria característica desse gênero discursivo, e que a Língua Falada, por sua vez, é mais “aberta” do que a Língua Escrita, em termos de procedimentos de estruturação discursivos, ficaria nítido que, se houver influência desses procedimentos da fala no gênero em questão, o ensaísta teria a possibilidade de optar por entre caminhos os mais diversificados em seu Processo de Construção Textual. De acordo com Marcuschi (1990) fala e escrita formariam um *continuum*, cujo “meio termo” seria as situações que adquirem características de ambos os processos, tais como: declamação, noticiário televisivo, comunicação acadêmica. Nesse sentido, procurou-se utilizar esses instrumentos teóricos para análise dos procedimentos discursivos adotados por Michel de Montaigne em seu ensaio *Da crueldade*.

Palavras-chave: Ensaio. Língua Falada. Michel Montaigne.

* Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: dantemantovani@gmail.com

Abstract: The objective here is to identify formal influences of gender essay, investigating the elements which are combined in its constitution - in the work of Michel de Montaigne (1533-1592), through discussion of topic-discursive procedures from spoken language. First, it is necessary to reflect on the formal arrangement of textual elements in the genre essay, in which it is not clear a priori pre-established structure: it occurs a linear overlapping themes, arguments, reasoning, irony, philosophical reflections, confidences and sinuous comparisons, almost undetectable, pre-Baroque. This structure receives a non-dogmatic gender test, and a more flexible - in terms of an author's thoughts and its textual setting. The hypothesis to be discussed here, about the influence of spoken language is: how the structure procedures of Spoken Language contribute to the understanding of the uniqueness of the essay? Now, if we consider that the opening would feature this kind of discourse, and the Spoken Language, in turn, is more "open" than written language, in terms of structuring discursive procedures, would be clear that, if any influence of these procedures in the genre of the speech in question, the essayist would be able to choose between the most diverse paths in the process of textual construction. In this sense, we tried to use these theoretical tools for analyzing the discursive procedures adopted by Michel de Montaigne in his essay *From cruelty*.

Keywords: Essay. Spoken Language. Michel de Montaigne.

O Gênero Ensaio: Entre a Língua Falada e a Língua Escrita

Objetiva-se, neste trabalho, circunscrever influências formais do gênero "Ensaio", investigando as "cordas que se entrelaçam" em sua constituição na obra de Michel de Montaigne, por meio de uma discussão a respeito de procedimentos de estruturação tópico-discursivos característicos da Língua Falada.

Preliminarmente, é necessário refletir acerca da disposição formal dos elementos textuais no gênero ensaístico, no qual não se percebe a *priori* uma estrutura pré-estabelecida: ocorre sobreposição a linear de temas, argumentos, raciocínios, ironia, reflexões filosóficas, confidências, comparações e sinuosidades quase indetectáveis, pré-barrocas.

Devido à estrutura não dogmática do gênero ensaio, e por seu caráter mais flexível no que tange à disposição textual dos pensamentos, assim como para verificar essas hipóteses, identificou-se no ensaio *Da crueldade*, de Michel

de Montaigne procedimentos de estruturação discursivos característicos da Língua Falada, os quais, verifica-se, estão na origem dos “Ensaaios”.

Nesse sentido, a hipótese a ser averiguada acerca da influência da oralidade nos “Ensaaios” é a seguinte: de que forma os procedimentos de estruturação da Língua Falada contribuem para o entendimento da singularidade do gênero ensaístico?

De acordo com Augusto (2001), o Ensaio seria:

Um intruso nos aristocráticos salões da filosofia e da polêmica com paletó e gravata, o ensaio estragou a festa ao inserir nas discussões ditas elevadas três delinqüentes retóricos: a digressão, o exagero e a malícia (AUGUSTO, 2001, p.10).

Na introdução desse seu livro de ensaios – cuja menção a Montaigne se dá por conta do pioneirismo na prática do gênero, e no intuito de prestar tributo ao pensador francês, como se fosse uma espécie de patrono ao neófito escritor - o autor ressalta, propositadamente, o elemento irreverente dos “Ensaaios” de Montaigne para demonstrar a maleabilidade que o autor atingiu por meio da prática desse gênero de reflexão filosófica.

Augusto (2001) afirma que a introdução do Ensaio na filosofia teria sido uma verdadeira revolução, pois teria amenizado imposturas, dogmatismos e os ares de gravidade da filosofia.

O autor assim caracteriza o gênero ensaio:

Um ensaio não é exatamente um artigo, nem uma meditação, tampouco um monólogo, uma resenha, uma memória, um tratado, uma crítica acerba, uma reportagem, uma elegia, uma sucessão de apoteogemas, mas pode se assemelhar a um ou vários desses tipos de escrita. Não é, por isso mesmo, um gênero estável e facilmente identificável como o romance e a poesia, mas um genérico (AUGUSTO, 2001, p. 9-11).

Ora, se considerarmos que a flexibilidade formal é característica do gênero ensaístico, e que a Língua Falada, por sua vez, é mais espontânea do que a Língua Escrita, em termos de procedimentos de estruturação discursivos, fica nítido que, se houver influência desses procedimentos da fala no gênero

Ensaio, o ensaísta teria a possibilidade de optar por entre caminhos os mais diversificados em seu Processo de Construção Textual, pois, além de se utilizar dos recursos da escrita, o autor pode também incorporar construções características da oralidade.

Brown e Yule (1987) ponderam acerca das diferenças entre Língua Falada e Língua Escrita, e afirmam que, na língua falada, há cinco características que permitiriam traçar distinções.

Elas seriam as seguintes: 1) Monitoramento, correspondente a controle e planejamento simultâneo das construções verbais; 2) A língua não é ferramenta, ou seja, na conversação a linguagem adquire caráter de interação; 3) Recursos paralinguísticos e prosódicos; 4) Simultaneidade: o texto enquanto processo possui uma duração temporal e por esse motivo, os eventos ocorrem muito próximos, e as dimensões de planejamento e execução do discurso se dão simultaneamente; 5) Sintaxe menos estruturada, ou seja, não são partilhadas as estruturas canônicas, tal como ocorre na Língua Escrita.

Por outro lado, de acordo com Marcuschi (1990), fala e escrita formariam um *continuum*, cujo "meio termo" consistiria nas situações que adquirem características de ambos os processos, tais como: declamação, noticiário televisivo, comunicação acadêmica.

Essa hipótese é importante porque possibilita identificar marcas de oralidade em textos escritos, tal como se pretende aqui discutir, em fragmentos do ensaio *Da Crueldade*, de Montaigne.

Contudo, Halliday (1989) postula que fala e escrita são igualmente complexas, mas são complexas de formas diferentes: na LE ocorreria densidade lexical, ao passo que na LF, identifica-se o enredamento gramatical.

Por densidade lexical, entende-se a incidência de itens lexicais por oração: substantivos, verbos, adjetivos, advérbios de modo. Isso confere ao texto um aspecto de maior densidade, pois esses itens lexicais correspondem aos itens que inserem novas informações no texto.

Por enveredamento gramatical, segundo o autor, entender-se-iam os mecanismos de expressão encontrados pela mente para efetuar o

monitoramento do ato conversacional. Esses seriam os elementos laterais, localizadores, que servem para direcionar a atenção dos envolvidos no ato conversacional para o tópico que está em evidência.

Por último, de acordo com Halliday (1989), haveria ainda na LF uma tendência à dispersividade informacional e a um maior envolvimento intersubjetivo entre os interlocutores, ou seja, o falante muda o tópico constantemente e insere dados de sua subjetividade de maneira muito mais acentuada do que na LE.

Em contrapartida, na LE ocorreria uma tentativa de distanciamento, como se fosse possível apagar as marcas dos interlocutores: haveria também uma tendência maior à concentração de informações e ao uso de estruturas sintáticas canônicas (Halliday, 1989).

Dessa forma, pode-se deduzir que a LE é mais centrada, mais focada, ao passo que a LF é mais dispersa; nesta ocorrem, em confirmação a essa hipótese, tópicos discursivos que se desdobram em subtópicos, o que, por sua vez, é indício de planejamento momentâneo.

Ocorre maior dinamicidade na LF, ao passo que na LE, o processo de escrita é um ato isolado, por meio do qual se torna mais fácil a delimitação de um contexto.

A dificuldade na delimitação do contexto na LF justifica os recursos próximos ao imprevisto, dos quais se valem os usuários da língua na tentativa de criação de um contexto por meio da linguagem.

Ocorre, nesse caso, o enredamento gramatical, ou seja, determinado interlocutor busca recursos linguísticos para aproximar-se da ideia pretendida, considerados, na situação de Interação Verbal, os fatores e variáveis da situação conversacional.

Procedimentos Discursivos Característicos da Oralidade

Traçadas as distinções iniciais entre LE e LF, passa-se, agora, à caracterização de processos de construção da LF, os quais, em um segundo

momento, procurou-se identificar no ensaio *Da Crueldade*, de Michel Montaigne.

Castilho (1998) apresenta três procedimentos característicos de construção textual da LF: 1) Ativação, no qual se dá a introdução e o desenvolvimento do tópico conversacional, e no qual se dá também a organização do enunciado.

Nesse processo, ocorreria aquilo que Halliday (1989) caracteriza como "emaranhado gramatical", ou seja, o uso de construções de suporte à aproximação da ideia almejada por um dado interlocutor em uma dada situação de Interação Verbal.

2) Reativação: *"característica da fala, representa uma volta ao já-dito, por meio da retomada (ou reformulação) de porções do tópico ou do enunciador"* (CASTILHO, 1998, p.92).

3) Desativação: caracteriza-se pela ruptura total ou parcial com o tópico da conversação ou com determinado enunciado. Pode ocorrer por meio de inserções parentéticas, que consistem na introdução de outros tópicos com função explicativa, ou por meio de digressões, que consistem na dissolução do tópico pela fuga do assunto focado. A desativação é desencadeada pelo falante e/ou pelo interlocutor.

Ainda em relação à produção de enunciados na LF, é relevante mencionar a correlação entre tópico discursivo e a forma como são construídas as referências, ou seja, topicalização e referenciação andam juntas, considerados os referentes os objetos aos quais remete o texto.

Nesse sentido, de acordo com Marcuschi (1990), o autor de determinado texto promove um enquadre, o qual corresponde a um quadro cognitivo mais amplo – esse procedimento resulta na ancoragem, na qual o dado no texto remete a um contexto compartilhado pelo autor.

No ínterim do processo de referenciação, os objetos de mundo passam a ser objetos de discurso, estes são, por sua vez, os objetos de mundo reelaborados pela visão de um autor.

Na LF, esse processo ocorre como discursivização, que se traduz por meio da fluidez dos tópicos abordados, devido ao fato de que o discurso não é planejado previamente, pois não há como prever a interferência das ações do interlocutor, considerando que não há pauta pré-definida no ato conversacional.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o autor, ao virtualizar o interlocutor, incorpora mecanismos constitutivos da LF – marcas de oralidade. Esse processo ocorre diversas vezes no ensaio a ser abordado em seguida, e funciona como um procedimento de mudança de tópico.

Contudo, em relação à fala, o tópico é construído cooperativamente por meio de trocas, intersecções, desmembrando-se como construção de enquadres de um todo fluído que vai ser filtrado, textualizado (MARCUSCHI, 1990).

Os objetos do discurso, contudo, constroem o tópico: os objetos da realidade são “digeridos” pelo autor e traduzidos em tópicos, por intermédio da remissão aos objetos de discurso, sendo que a construção do tópico está ligada à continuidade referencial.

Dessa forma, constrói-se o contexto e uma visão de mundo que não é necessariamente a do autor, pois mesmo passando por esse processo de reelaboração, os objetos do mundo mantêm suas características, ainda que sejam discursivizados.

O contexto, contudo, é um conceito pré-teórico, e como tal, não pode ser submetido a uma definição: é, portanto, fluído, vago e ilimitado, estruturando-se por meio de relações – pois os objetos do mundo não se encontram isolados e, quando textualizados por meio da referenciação, remetem às formações discursivas das quais emanam os textos.

Um tópico discursivo, no entanto, pode sofrer expansão, recategorizações sócio-históricas por parte do produtor e do receptor de determinado texto: a topicalização da LF não pode seguir a mesma linearidade da LE, pois não há uma definição prévia de itens a serem discursivizados, consideradas as variáveis do ato conversacional.

Afere-se das formulações de Marcuschi (1990) que o tópico, portanto, é aquilo **do que** se está falando, enquanto na LE há comumente um roteiro, um

planejamento autoral que não aparece no texto final, na LF não há roteiro prévio para a construção do tópico.

São propriedades do tópico a *Centração* ou *Focalização* – enfoque em um tópico por meio de referentes explícitos ou dedutíveis. Há duas formas de centração: a geral se traduz como **Supertópico**, ao passo que as centrações localizadas situam-se nos **Tópicos** e **Subtópicos**, e a coerência no texto falado se dá em relação a essas duas dimensões.

Ocorrem, ainda enquanto características do tópico, a *Organicidade* – que pode ser horizontal e vertical, e diz respeito respectivamente à centração 1) Nos Tópicos e Subtópicos e 2) Ao Supertópico - e a Segmentabilidade, que dizem respeito a como se relacionam as unidades/subdivisões do tópico conversacional.

Estrutura tópico-discursiva no Ensaio *Da Crueldade*, de Michel de Montaigne

Passa-se agora a considerar em que medida os processos aludidos no trecho anterior constituem procedimentos de estruturação discursiva característicos da oralidade em fragmentos do ensaio *Da Crueldade*, de Michel de Montaigne, o qual apresenta uma estruturação bastante apropriada para a visualização dessas questões.

É preciso ressaltar dois aspectos nesta análise: buscou-se verificar o quesito da *organicidade* na disposição tópica do texto, dessa forma, a estrutura de topicalização foi identificada e transcrita na ordem de aparição no texto.

Alguns pontos foram exemplificados com fragmentos do texto de Montaigne, pois a totalidade estrutural não pode ser esgotada para o contexto do presente estudo, no entanto, é possível apontar alguns caminhos para que um estudo mais detalhado possa ser empreendido em outra ocasião.

De início, aponta-se a presença de um Supertópico, que coincide com o título do texto, ou seja, o tema mais geral, para a finalidade da referenciação,

da construção do objeto discursivo, para o enquadre mais amplo, nesse ensaio, é o tema da *crueldade*.

Esse tema se desdobra em vários tópicos, o que aponta no ensaio (escrito) para uma estrutura de organização discursiva que partilha os processos de estruturação característicos da LF, portanto, conferem à oralidade o patamar de elemento organizador do discurso escrito.

O que chamamos de Tópico 1 – T1 – trata da virtude, considerada como a característica humana cuja presença ou ausência possibilita o aparecimento de condutas adequadas ou inadequadas ao indivíduo, marcadas, no caso, pela crueldade.

Esse tópico se desmembra em seis subtópicos – centramentos mais específicos - relativos à forma como a virtude se manifesta em campos distintos da atividade humana: no campo moral, espiritual e intelectual.

Os subtópicos são os seguintes: SBT1- Virtudes em Deus e no homem; SBT2- A Virtude para os filósofos estoicos e epicuristas; SBT3- Virtude em Epaminondas:

É porque a virtude se favorece na luta que Epaminondas, adepto, entretanto, de uma terceira seita, recusa as riquezas que muito legitimamente lhe oferecem os fados, pois quer, diz, lutar contra a pobreza, e a sua era grande e nunca o abandonou; SBT4 – Virtude em Sócrates; SBT5 – Virtude em Epicuro; SBT6 – Virtude em Catão; SBT7 – Sobre a morte; SBT8- sobre as personalidades propensas ao vício; SBT9 – Nacionalidade e virtudes correlatas (MONTAIGNE, 1984, p.198).

Por meio de uma locução que na LF seria classificada como rema – que consiste naquilo que se afirma a respeito do tema, podendo ou não retomá-lo – o autor “direciona os holofotes” àquilo de que está falando.

Assim, Montaigne muda o tópico, ou seja, muda o enfoque, a referenciação do texto: “*A propósito, uma palavra a meu respeito*”, e segue versando a respeito de sua relação pessoal com a virtude e com os vícios (MONTAIGNE, 1984, p.198).

Nesse novo tópico, Montaigne, além de discorrer a respeito dos melindres de sua personalidade, ancora seu posicionamento enunciativo nas vidas de personagens marcantes da civilização clássica greco-latina por meio de

comparações entre a conduta de personagens dessa cultura e seu exercício pessoal da virtude: SBT1 – Virtude em Antístenes; SBT2 – Virtude em Aristipo; SBT3- Virtude em Epicuro.

Num procedimento de reativação do Tópico corrente, o autor se dirige a um interlocutor – o leitor projetado – por meio do seguinte questionamento: "*Será verdade que, para sermos completamente bons, tenhamos de o ser por disposição natural e inconsciente, independentemente de leis, raciocínios e exemplos?*" (MONTAIGNE, 1984, p.198).

Na sequência, tem-se o SBT4- Estoicos: virtudes como sistema; SBT5- Corpo Humano como sistema; SBT6-Aristóteles e os Peripatéticos; SBT7- Sócrates e a virtude; SBT8-Amigos de Estílpon.

O autor pontua esses subtemas com o procedimento de desativação tópica por meio da **digressão**, ou seja, por uma conversa paralela, que dilui o tópico: "*Minha inocência é inata e ingênua; tenho pouca vontade e pouca malícia*" (MONTAIGNE, 1984, p.198).

Insere-se repentinamente o Tópico 3, por meio de uma remissão ao Supertópico, - a crueldade - que aparece pela primeira vez, no ensaio, lexicalizada: "*Entre os vícios um há que detesto particularmente: a **crueldade***" (MONTAIGNE, 1984, p.201).

O enfoque adotado por Montaigne nesse novo tópico é dirigido à reflexão acerca da crueldade humana em relação aos animais, pois segue o autor, em relação ao vício da crueldade:

Por instinto e por reflexão, considero-o o pior de todos; e cheguei mesmo a esta fraqueza de não poder ver matarem um frango sem que me seja desagradável, nem posso ouvir uma lebre gemer nos dentes dos cães, apesar de adorar a caça (MONTAIGNE, 1984, p.201).

Esse tópico desmembra-se em um subtópico acerca do controle das paixões correlatas à volúpia e aos apetites desordenados, e isso é importante para evitar a crueldade, pois a volúpia: "*quando levada ao paroxismo, nos domina a ponto de destruir-nos a razão*" (MONTAIGNE, 1984, p.201).

Após essa reflexão, o tópico anterior retorna, dessa vez focalizando a atividade da caça, como o terreno da ação humana no qual a crueldade se manifesta por meio de “*uma impotência momentânea da razão*” (MONTAIGNE, 1984, p.202).

Esse tópico é desativado subsequentemente por meio de uma digressão, por meio da qual Montaigne retoma o mito de Diana, a deusa romana da caça, e suas representações de indiferença diante do amor.

Essa desativação tópica possui um caráter de divagação fortemente caracterizada numa relação lógica que pode ser inferida da utilização da locução “*Por isso os poetas representaram Diana indiferente*”, como o autor se permitisse tecer uma especulação que viesse a confirmar o tópico anterior e, ainda, como se essa “novidade” tivesse lhe ocorrido pela eminente reflexão (MONTAIGNE, 1984, p.202).

O processo de dirigir um pensamento a si próprio enquanto interlocutor marca, nesse contexto, a presença e atuação da digressão enquanto mecanismo de desativação tópica.

No entanto, o caráter de desativação do tópico é mesmo confirmado pelo mecanismo de reativação subsequente: “*Volvamos ao nosso tema*” – novamente o Rema que confirma o Tema – aqui, o autor chama a si próprio para o retorno ao supertópico: a crueldade.

Dessa forma, a crueldade é novamente topicalizada, com o seguinte enfoque – como se dá a crueldade nas misérias alheias: “*Entristecem-me grandemente as misérias alheias*” (MONTAIGNE, 1984, p.202).

Este tópico desmembrar-se-á em subtópicos relativos a SBT1-Choro; SBT2-Morte; SBT3-Execuções capitais; SBT4-Crueldade nas execuções ordenadas por soberanos de Roma.

No quarto subtópico, ocorre uma transição gradual ao tópico seguinte - T5 - que trata de crueldades desferidas ao corpo humano, mesmo após a morte:

Os selvagens que assam e comem o corpo dos mortos, provocam em mim uma impressão menos penosa do que os que os atormentam e

torturam quando ainda em vida; não posso sequer assistir calmamente às execuções capitais impostas pela justiça, por mais razoáveis que sejam(...) Alguém, querendo dar uma prova da demência de Júlio César, dizia: era suave em suas vinganças: Tendo forçado alguns piratas a se renderem contentou-se com os mandar estrangular, só os crucificando depois de mortos. Sem dizer quem foi esse historiador latino que se atreve a considerar demência o fato de apenas mandar matar o ofensor, fácil é adivinhar que estava sob a impressão dos horríveis e repugnantes exemplos de crueldade que os tiranos de Roma puseram em voga. (...)Tais atrocidades não devem exercer-se nos que ainda vive e sim na carcaça (MONTAIGNE, 1984, p.202).

Por meio dessa transição, Montaigne transfere o enfoque da crueldade dos romanos para formas de crueldade para além da morte e, nesse contexto, insere uma citação ao orador romano Marco Túlio Cícero, a qual funciona como uma paráfrase exemplificativa do tópico em andamento: “Mas os poetas ressaltam muito bem o horror que essas sevícias acrescentam à morte: Ah! Que se arrastem desonrosamente por terra, gotejando sangue, os restos de um rei semiqueimado, ossos à mostra” (MONTAIGNE, 1984, p.202).

Ainda como recursos exemplificativos e subtópicos que reativam o enfoque, Montaigne cita casos de crueldade no período em que viveu: “*Vivo em uma época em que, por causa de nossas guerras civis, abundam exemplos de incrível crueldade. Não vejo na história antiga nada pior que os fatos dessa natureza*” e também elabora subtópicos relativos às formas de castigo adotadas por Artaxerxes na Pérsia antiga, e pelos egípcios, além de pontuar o tópico com outro subtópico acerca de um condenado que se sentiu aliviado por saber que de última hora trocaram o procedimento de sua execução: “*E parecia ter se livrado da morte, tão-somente porque trocara a maneira de morrer*” (MONTAIGNE, 1984, p.202-203).

A mudança de enfoque, nesse ponto do texto, característica anteriormente identificada na LF, ou seja, fluidez de tópicos e dispersividade informacional – a riqueza desse processo, dessa maneira, no ensaio em questão, torna-se visível, pois aumenta o grau e a densidade das referências que são transportadas para o texto.

Antes dos sucessivos estágios de re-enfoque, cabe ressaltar: a digressão confirma o processo de desativação tópica neste trecho, acerca da ideia egípcia do sacrifício de porcos: "*Idéia ousada essa de querer pagar com pinturas e simbolicamente a Deus, que é substância essencial*", porém, a digressão caracteriza-se aqui pela forma como o autor se desdobra em interlocutor de si mesmo (MONTAIGNE, 1984, p.203).

Assim, dialoga com a instância enunciativa desdobrada, por meio da anteriormente referida *metalinguagem enunciativa*, o que resulta no efeito de sentido de descontração, próprio da digressão, pois ocorre uma espécie de "rarefação" na carga de informações. Após a utilização desse procedimento de desativação tópica, imediatamente, terá espaço o procedimento de re-focalização/retomada.

Dessa forma, novamente ocorre a transição gradual entre os tópicos discursivos, no ponto em que Montaigne passa a discorrer - T6 - a respeito da crueldade de matar unicamente pelo prazer de tirar a vida de outrem.

Para exemplificar o tópico, o autor se utiliza de uma citação de Sêneca, buscando definir este que considera o pior tipo de crueldade a que o homem pode chegar – matar por crueldade: "*É o último grau a que pode atingir a crueldade: que um homem mate um homem, sem ser impelido pela cólera ou o medo, e unicamente para o ver morrer*" (MONTAIGNE, 1984, p.203).

Esse tópico dá lugar, por meio de uma transição tópica marcada pelo enfoque criado na reflexão do usuário-produtor do texto, novamente, à crueldade dos homens para com os animais, em SBT1:

Quanto a mim, nunca pude sequer ver perseguirem e matarem um inocente animal, sem defesa, e do qual nada temos a recear, como é o caso da caça ao veado, o qual, quando sem forças e sem fôlego, e sem mais possibilidades de fuga, se rende e como que implora o nosso perdão com lágrimas nos olhos: gemendo, ensanguentado, pede mercê (MONTAIGNE, 1984, p.203).

Para exemplificar o tópico, Montaigne cria também os seguintes subtópicos: SBT2-O tratamento dado por Pitágoras aos peixes; SBT3-Sobre como a crueldade humana em relação aos animais revela a propensão natural

do homem à inumanidade; SBT4-Das recomendações da teologia de afabilidade para com os animais; e a passagem gradual do SBT5-Sobre Pitágoras e suas concepções a respeito da alma humana ao SBT6- da forma como os druidas – líderes religiosos da França pré-latinizada – incorporaram a doutrina pitagórica da *metempsicose*, para a qual as almas humanas reencarnariam, após a morte, nos corpos de animais, de acordo com suas ações praticadas durante a vida. Dessa forma, para os druidas, Deus:

Aprisiona as almas em corpos de animais: a que foi cruel no urso, a do ladrão no lobo, a do velhaco na raposa e depois de ter passado assim por mil metamorfoses, purificadas enfim no rio do esquecimento, são devolvidas às suas primitivas formas humanas. A alma valente encarnavam-na em um leão: concupiscente em um porco; covarde, em um veado ou uma lebre; maliciosa, em uma raposa; e assim por diante, até que, purificada pela penitência, voltasse para o corpo de um homem: eu mesmo recorde-me quando da guerra de Tróia, era Eufórbio, filho de Panteu (MONTAIGNE, 1984, p.203).

Logo após esse trecho, Montaigne muda o enfoque e o tópico discursivo, por meio de uma asserção parafrástica: "*Não concordo com esse parentesco entre os animais e nós*" (MONTAIGNE, 1984, p.203).

É preciso ressaltar agora que as paráfrases reafirmam o Supertópico e, portanto, não são indícios contrários à mudança de tópico (Marcuschi, 1990).

Mesmo que a paráfrase seja considerada uma retomada, ela pode se dar por meio de enfoques distintos: é preciso considerar aqui a sua dimensão recategorizadora, ou seja, a paráfrase reinsere determinado assunto em seu campo discursivo original, e dessa forma procede na reconstrução do contexto que possibilita a coerência textual.

A mudança tópica, no entanto, é entendida como mudança de enfoque, isto é, enquanto processo de referenciação, que se dá por meio da inserção de novos dados informativos e suas respectivas abordagens discursivas.

Na sequência, o oitavo tópico - T8 - trata do possível parentesco e/ou hierarquia existente entre homem e animal; dessa forma, a referenciação desmembra-se nos seguintes subtópicos: SBT1-Por meio de uma citação de

Juvenal, Montaigne mostra como se dava esse sistema valorativo no Egito antigo; SBT2- As concepções de Plutarco acerca dos atributos humanos dos animais; SBT3-Sobre a presunção de superioridade do homem em se achar superior aos animais.

É curioso notar como o SBT2 do T8 modifica completamente o enfoque criado para o SBT6 do T7, contudo, mantendo o equilíbrio nas comparações:

A interpretação muito aceitável que dá Plutarco desse erro, é também, honrosa para os animais; não era o gato ou o boi, por exemplo, que os egípcios adoravam e sim os atributos divinos que simbolizavam: no boi a paciência; no gato a vivacidade; ou como os borguinhões e os alemães, o gosto pela liberdade que eles colocavam acima de tudo o que vinha de Deus (MONTAIGNE, 1984, p.204).

Esse trecho demonstra a propensão de Montaigne em elencar visões de mundo distintas enquanto procedimento de construção textual dos sentidos: além dos exemplos provenientes das situações concretas nas quais se imiscuiu, o autor apresenta em seus textos não apenas autores variados, de inúmeras localidades, mas, frequentemente, utiliza-se de pensamentos aparentemente díspares para atingir determinada finalidade enunciativa.

Faz parte do processo do Ensaio o diálogo entre essas distintas visões, o que constitui uma influência da Língua Falada: cabe ao analista do discurso visualizar em que medida essas distintas concepções dialogam entre si.

O produtor de um texto falado frequentemente menciona suas referências, como forma de suporte ao discurso "improvisado", e do embate entre essas distintas visões de mundo o discurso é produzido.

Portanto, o estudo dos procedimentos de organização e/ou estruturação discursiva provenientes da oralidade nos "Ensaio" de Montaigne lança um entendimento agudo acerca de seus processos de construção textual, porque possibilita reconstruir procedimentos de estruturação discursiva por meio da análise de marcas linguísticas de cuja superfície brotam as "estruturas profundas" do texto.

Na sequência, Montaigne reafirma o T8, por intermédio de uma reelaboração textual de contextos enquadrados pelos subtópicos apresentados anteriormente:

Quando encontro em autores muito sensatos dissertações tendentes a provar certa semelhança entre os animais e nós, quanto participam de nossos próprios privilégios e quanto temos em comum, torno-me muito menos presunçoso e abduco sem dificuldades essa realeza imaginária do homem sobre as demais criaturas (MONTAIGNE, 1984, p.204).

Acerca dessa reafirmação tópica, o autor tece novamente reflexões digressivas, dirigindo-se ao próprio entendimento – é perceptível que essas conclusões foram possibilitadas pela discussão tópica anteriormente estabelecida: "*Aos homens devemos justiça; às demais criaturas solicitude e benevolência. Entre eles e nós existem obrigações que nos obrigam reciprocamente*" (MONTAIGNE, 1984, p.204).

Após esse momento digressivo, Montaigne insere o último tópico discursivo no ensaio em questão, que funciona como algo próximo a uma digressão, se considerado em relação aos tópicos anteriores.

Por sua vez, o T9 pode ser considerado uma digressão que desativa o supertópico, o qual permanece implícito nos tópicos, por meio das relações de organicidade, anteriormente discutidas.

O supertópico se mantém implícito por ser o tema-título do ensaio - Da Crueldade –, e por isso está presente em todos os tópicos e subtópicos, e é aludido em maior ou menor escala; algumas vezes, como no caso do T9, como o grau de alusão da organicidade vertical é baixo, então se supõe que o supertópico está implícito.

Observe-se que no título o termo "Da" antes de "Crueldade" anuncia que o texto irá tratar dos atributos e derivações conceituais do termo chave; portanto, todos os tópicos, de fato, podem ser considerados, nesse sentido, variações conceituais com maior ou menor grau de remissão ao supertópico.

No entanto, preferiu-se aqui considerar aquela digressão um tópico, para demonstrar de maneira mais pontuada sua organização interna.

Pode-se objetar que o T9, por tratar da relação entre homens e animais, não seja separável do tópico anterior, porém, neste, o enfoque se dá na relação de conhecimento entre o mundo humano e o mundo animal, e não sobre a esfera afetiva.

Dessa forma, optou-se por desmembrar T9 em nove Subtópicos, com as seguintes temáticas: SBT1-Relações entre Montaigne e seu cão; SBT2-os turcos e seus hospitais de animais; SBT3-relações entre os romanos e seus gansos; SBT4-sobre como os atenienses outorgaram a liberdade aos seus burros; SBT5-sobre os funerais oferecidos pelos Agrigentinos aos animais; SBT6-sobre como os egípcios embalsamavam os animais; SBT7-A afeição que nutria o eminente atleta Címon por sua égua vitoriosa; SBT8-Xantipo, o antigo, que nomeou o mar Egeu com o nome de seu cão; SBT9-sobre como Plutarco teve escrúpulos em vender seu boi de estimação.

Da separação de Supertópico, Tópicos e Subtópicos, assim como da menção aos processos de afirmação, retomada e diluição de assuntos, deduzem-se procedimentos de organização discursiva provenientes da oralidade nos *Ensaíos*, de Michel de Montaigne.

É possível, assim, identificar características da fala no texto escrito, tais como a dispersividade informacional, a organicidade e a estruturação típica da fala e supor que a forma do texto se deve, em última análise, à partilha desses procedimentos.

Essa análise, ainda que atida em poucos dentre vários aspectos pertinentes, pode ser aprofundada, pois permite identificar processos próximos da estruturação da LF na composição do texto escrito de Montaigne, de maneira a propiciar o resgate de sentidos que poderiam passar despercebidos em outro tipo de análise.

Dessa forma, verificam-se os objetivos traçados anteriormente, pois a análise desses processos permite recompor os caminhos da construção textual dos sentidos e delimitar especificidades do gênero ensaístico.

Conclusão

Em relação ao Ensaio *Da Crueldade*, conclui-se que ocorre no texto o compartilhamento de processos de estruturação discursiva característicos da Língua Falada – principalmente a estruturação textual em Supertópico, Tópicos e Subtópicos, e a utilização de procedimentos de ativação, reativação e desativação, os quais de acordo com Marcuschi (1999) e Castilho (1989) são procedimentos característicos da LF - e isso é fundamental para o entendimento da forma textual obtida pelo autor no gênero ensaístico.

Isso aponta também para a verificação do objetivo deste item, pois permite supor que a abertura ao pensamento possibilitada pelo gênero ensaístico pode ser parcialmente explicada por meio da identificação de processos de estruturação discursiva característicos da oralidade.

Portanto, é possível identificar marcas da oralidade em gêneros textuais, assim como as derivações disso em recursos estilísticos, retóricos e argumentativos.

Também é possível evidenciar procedimentos de estruturação discursiva que não seguem os padrões canônicos da linguagem literária e/ou filosófica, contribuindo, assim, para identificação da singularidade na escrita ensaística de Michel de Montaigne.

Para esse propósito, foi adequada a utilização do instrumento teórico dos estudos a respeito da LF, para a análise e entendimento da especificidade do gênero ensaístico, cujo exemplar paradigmático consiste justamente na obra ensaística de Montaigne.

Novos estudos podem surgir dessa experiência: textos filosóficos, romanescos, poéticos, injuntivos, administrativos, políticos, jurídicos, burocráticos, esportivos, artísticos, crítica literária e/ou teatral podem apresentar, certamente, marcas de oralidade, pois a Análise da Conversação permite solucionar determinadas “incógnitas” de textos que rompem padrões normativos e/ou possuem uma marca de *hibridismo* entre fala e escrita, tais como os gêneros discursivos relativos à internet, ao telejornal, e às entrevistas jornalísticas.

Entender essas diferenças e instâncias de multiconstituição entre LE e LF, assim como os pressupostos linguísticos adequados a cada situação em que ocorre interação verbal, isso é um construto relevante para os pesquisadores, os profissionais da palavra, os linguistas, os professores e até para os leitores atentos.

Esperamos que este trabalho, além de levantar esses e outros questionamentos, contribua com algumas referências para que essas questões sejam mais debatidas, mais pesquisadas e também levadas em consideração para se pensar a questão da formação cultural de futuros leitores críticos.

Referências

AUGUSTO, Sérgio. *Lado B*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BROWN, Gillian; YULE, George. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. *A Língua Falada no Ensino de Português*. São Paulo: Contexto, 1998.

FÁVERO, Leonor Lopes. *O Tópico Discursivo*, in: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas Publicações/Projeto NURC-SP, Série Projetos Paralelos, vol. 1, 1993.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya . *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Series Editor: Frances Christie, Oxford: Oxford University Press, 1989.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *A repetição na língua falada e sua correlação com o tópico discursivo*. Recife, UFPE, (versão preliminar), 1990.

MANTOVANI, Dante Henrique. *Análise dos Processos de Construção Textual nos "Ensaíos", de Michel de Montaigne*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. *Ensaíos*. Trad. Sergio Milliet. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

Enviado em setembro de 2011.

Aceito em junho de 2012.